

Acre


Ouçã o chamado da floresta

As maravilhas da Floresta Amazônica convidam a um giro pelo Estado, que, ainda perto da capital Rio Branco, já oferece trilhas na selva e um surpreendente passeio de balão, o qual revela misteriosos geoglifos

POR ANDRÉ DIB, TEXTO E FOTOS

Uma densa névoa domina aqueles vastos campos quando o colorido balão se lança no ar. Ainda cobertas pelas últimas sombras da noite, os poucos e eufóricos turistas a bordo ainda não sabem quando vão conseguir avistar as enigmáticas figuras geométricas que povos ancestrais sulcaram naquele solo há milhares de anos. Em questão de minutos, porém, à medida que o sol se levanta mais e mais, a bruma se esvai e revela, em meio à extensa paisagem verdejante, um comprido e perfeito retângulo, que inclui outro retângulo em seu interior.

Ao amanhecer, os primeiros raios de sol dissipam a névoa e revelam enigmáticos geoglifos (no canto inferior da pág.), vistos num voo de balão



Cachoeira Formosa, no Parque da Serra do Divisor, um dos lugares mais selvagens do País e explorado em expedições para verdadeiros aventureiros

Quando o dia se impõe de vez, outras formas geométricas se exibem aos impressionados e surpresos olhares dos visitantes. E a sensação é essa não só porque os símbolos são grandiosos, mas também porque são contemplados em plena Amazônia brasileira, principalmente no Acre, e não no mundialmente conhecido conjunto das Linhas de Nazca, no Peru, como seria óbvio supor. E, mais uma surpresa, tais geoglifos são facilmente alcançados a partir de Rio Branco, capital do Estado: basta rodar 40 km para chegar ao ponto de decolagem do balão que sobrevoa a região.

A exploração dessas intrigantes figuras, descobertas na década de 1970, depois que o desmatamento causado pela pecuária abriu os campos que escondiam os geoglifos, é a face mais recente do turismo acreano, também abençoado com a Floresta Amazônica. A selva densa, abafada e para lá de exuberante conserva, além de alguns mamíferos e muitos répteis, mais de 250 espécies de aves. Caminhar ali e flagrar os animais em seu hábitat, assim como navegar em rios de dimensões oceânicas que vertem-se em igarapés e corredeiras, formando bancos de areia e praias fluviais, são alguns dos prêmios para quem chega a esse rincão longínquo e pouco conhecido do Brasil.

Visitar o Acre é também conferir, *in loco*, alguns importantes episódios da história do País: a selva desbravada por valentes exploradores nos tempos áureos da extração da borracha, a saga de um povo que batalhou para ser brasileiro (veja o box na pág. 116) e o sonho do seringueiro Chico Mendes (1944-1988), grande líder local

A passarela estaiada Joaquim Macedo, em Rio Branco, é usada apenas por pedestres e ciclistas e deu cara nova à região cortada pelo Rio Acre



ALMANAQUE

Até o início do século 20, as terras do Acre pertenciam à Bolívia. Após muitos conflitos, os dois países fizeram um acordo. Em 1903, o Brasil deu em troca dinheiro — à época, £ 2 milhões, que hoje equivalem a cerca de US\$ 250 milhões — e uma porção de terras no Mato Grosso, além do compromisso da construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré, para que a Bolívia tivesse por onde escoar sua produção de borracha. A ferrovia, entretanto, nunca foi concluída.

Tais arranjos selaram o Tratado de Petrópolis, anexando, enfim, o Acre ao Brasil, que, nessa época, era uma região próspera, exportando a matéria-prima

mais valiosa da Amazônia das primeiras décadas do século 20: a borracha.

Com o declínio da atividade por conta da competição com países como a Malásia, e após algumas revoltas e insurreições, o Acre foi perdendo importância no cenário nacional, até que, nos anos de 1980, apareceu Chico Mendes e sua luta pelos direitos dos povos da floresta e pela preservação da Amazônia.

Mais recentemente, o Estado começou a despontar como um dos destinos de ecoturismo mais autênticos do País, mesmo concentrado num território pequeno em relação às dimensões da selva amazônica.

assassinado em nome da luta pela preservação do meio ambiente, quando esse assunto sequer era considerado relevante.

Os capítulos de importância histórica são muitos, assim como as opções de passeios na floresta. Mas o Estado só começou a realmente exibir seu poder de fogo turístico há pouquíssimo tempo, com a conclusão da Estrada Interoceânica, em 2011, que liga o Brasil ao Peru e passa pelo Acre.

Com o projeto, o Estado foi inserido num dos mais esperados corredores turísticos da América do Sul. E já começa a colher frutos, uma vez que as obras da rodovia atraíram o investimento do governo e da iniciativa privada. A parce-

No alto da pag., os casarões da antiga zona portuária que viraram bares e restaurantes; ao lado, museu no Palácio Rio Branco, que mostra a história e as riquezas do Acre



ria propiciou a criação de uma infraestrutura turística que, apesar de tímida, já incluiu a construção de pousadas com bom nível de conforto e a instalação de agências que oferecem programas regulares ou personalizados, perfeitos para verdadeiros aventureiros.

Porém, antes de se jogar nas belezas da selva e nas teorias sobre o motivo de povos ancestrais terem deixado seu “alô” por meio de geoglífos, aproveite que a chegada de seu voo se dá em Rio Branco e conheça as principais atrações dessa capital tão próxima da floresta.

PIT STOP EM RIO BRANCO

Com pelo menos três voos diários ligando Rio Branco às principais cidades brasileiras, a capital do Acre é a principal via de acesso à região. Foi ali que o cearense Neutel Maia aportou, em 1882, em busca de látex, que, nessa época e nas primeiras décadas do século 20, era tão valioso quanto o ouro. Era o início da ocupação dessas distantes e calorentas paragens.

As marcas do período áureo da borracha ainda estão presentes nas elegantes linhas do Palácio Rio Branco, construído em 1930 se-

guindo a arquitetura neoclássica. Hoje restaurado, o prédio foi transformado em museu e exibe peças históricas, documentos, obras de arte e outros itens que mostram as riquezas naturais e arqueológicas da região e a formação de seu povo.

O Mercado Velho é outro ponto convidativo da cidade. Erguido em 1929, foi uma das principais obras de alvenaria da época. A construção, juntamente com a antiga área portuária, passou recentemente por um processo de restauração, tornando-se um dos principais pontos turísticos da cidade.



Para fazer o passeio de balão que descortina os geoglifos acreanos, é preciso acordar cedo: os turistas são buscados no hotel às 4h30



RUBIC KALOSZ

Ali, às margens do Rio Acre – que, com a revitalização, ganhou a moderna ponte estaiada Joaquim Macedo –, os antigos casarões viraram bares, restaurantes e centros culturais. A vizinhança é um sinal de que, depois de muitos anos de abandono, Rio Branco, lar de 350 mil moradores, vem se cuidando melhor e, num círculo virtuoso que passa pelo turismo, recebe um número crescente de visitantes, seja de passagem pela Interoceânica ou que começa a ser atraído pelos tesouros naturais acreanos.

Para ir se ambientando ao clima da floresta, um *tour* pelos principais parques urbanos é imperdível, entre eles o Chico Mendes, o Tucumã e o da Maternidade. Esse último abriga a Casa dos Povos da Floresta, cujo acervo conta a história dos seringueiros, índios e ribeirinhos, os quais deram origem à formação do Estado e de sua identidade cultural.

As principais atrações de Rio Branco são conhecidas em um dia, por meio de um *city tour* feito com

a agência Eme Amazônia, dona dos dois únicos balões credenciados a flutuar pelo céu da região, revelando os geoglifos amazônicos.

VOAR, VOAR, SUBIR, SUBIR...

Durante milênios, gigantescas formas geométricas cravadas no solo permaneceram ocultas sob o tapete verde da Amazônia. Na década de 1970, com a expansão da pecuária, as árvores da selva deram lugar a extensos campos, que, quando sobrevoados por aviões comerciais, revelaram misteriosas figuras, nunca antes percebidas.

A partir daí, tais marcas passaram a ser alvo de estudos arqueológicos e de centenas de sobrevoos e de fotos tiradas por satélites. O avanço das pesquisas levou à descoberta de um engenhoso mosaico de símbolos, proveniente de alguma civilização ancestral evoluída – são cerca de 300 geoglifos espalhados na Amazônia, e a maior parte deles fica no Acre.

Apesar das muitas pesquisas, o



A maior parte dos **GEOGLÍFOS AMAZÔNICOS** fica no **ACRE**. Apesar dos estudos, não se sabe seu **SIGNIFICADO** nem com que **FERRAMENTAS** foram feitos

enigma prevalece, pois não se sabe exatamente o que esses povos queriam dizer com os sinais, tampouco com que instrumentos elaboraram as figuras rigorosamente simétricas.

Para avistá-las e também darem seu pitaco, os turistas têm de estar no alto, o que é possibilitado por um *tour* de balão. O roteiro, realizado pela agência Eme Amazônia, começa cedinho, às 4h30, quando o turista é buscado no hotel. Ao deixar Rio Branco para trás, são 40 km até o local da decolagem.

Depois das preparações necessárias e dos procedimentos de segurança, o voo começa nas primeiras horas da manhã e é difícil descrever a beleza ímpar dos raios de sol pouco a pouco tingindo e revelando a floresta até então mergulhada em escuridão e névoa. A dirigibilidade do balão depende dos caprichos do vento, e, por isso,

os locais de pouso e decolagem e os movimentos do equipamento, que sobrevoa dois ou três geoglifos, são muito bem planejados.

Em outro momento do *tour*, o balão praticamente entra na floresta: numa manobra calculada, passa-se perto da copa das árvores. Não raro, avistam-se macacos saltando pelos galhos, além de araras e tucanos colorindo o cenário. É por esse ecossistema em movimento que, apesar do enigma e da raridade que é ver geoglifos, é mesmo a floresta a protagonista do passeio.

No local do pouso, os turistas são recebidos com um café da manhã reforçado e, para brindar a especialíssima ocasião, recebem uma taça de espumante.

NA TERRA DE CHICO MENDES

No Acre, outro nome é tão importante quanto o da Amazônia:

Chico Mendes, o homem que, reivindicando melhores condições de vida e de trabalho para sua gente e denunciando o desmatamento na região, teve seu nome reverberado pelo mundo, numa luta que ajudou o Brasil a despertar em relação às causas ecológicas.

Para conhecer um pouco mais sobre sua trajetória, percorra o ro-

teiro Caminhos de Chico Mendes. O passeio começa em Xapuri, cidade natal do seringueiro, a 176 km de Rio Branco. Ali, fica a casa em que ele morou, além de um instituto mantido por sua família, que conta, através de fotos e documentos, a saga vivida por ele.

Mas o ponto alto da rota fica por conta do Seringal Cachoeira,

a 36 km de Xapuri. Trata-se de uma enorme porção de floresta, que foi palco da luta dos seringueiros contra a devastação da Amazônia. Hoje protegida, a área foi transformada numa Reserva Extrativista (Resex) com cerca de 25 mil hectares, composta pela exuberância da floresta quase em estado bruto. Ali vivem 87 famílias, que vivem da extração

da borracha e da castanha, tudo seguindo moldes sustentáveis e baseado no equilíbrio socioambiental.

Agora, o turismo se abre como mais uma possibilidade de ganho para os nativos, escrevendo um novo capítulo na vida deles. Através de uma Parceria Público-Privada (PPP), foi erguida na floresta a Pousada Ecológica Seringal

Povos ancestrais deixaram como rastro quadrados, círculos e outras formas geométricas; no detalhe, geoglifo "invadido" pela estrutura de uma fazenda





A samaúma é a maior árvore local e exige 25 pessoas para envolvê-la; abaixo, o seringueiro e guia Sebastião Mendes, primo de Chico Mendes

Cachoeira, com confortáveis chalés integrados à paisagem e que tem no cardápio baseado na culinária amazônica um de seus trunfos. No entorno da pousada, foi feito recentemente um circuito de arvorismo, o maior da Amazônia, que propicia um ângulo bastante original da copa das árvores da selva.

Uma boa atividade por ali é a caminhada em meio às seringueiras, acompanhando de perto a extração do látex. Para isso, é preciso espantar a preguiça, já que a atividade tem de ser feita antes do sol nascer. “É na frieza da manhã que o látex escorre”, explica Sebastião Mendes, primo de Chico Mendes. No alvorecer, ele ilumina a árvore com a poronga, espécie de lamparina presa à cabeça e, com precisão, risca a seringueira com a “cabrita”, seu instrumento de corte, para colher o produto.

Outra trilha sensacional na vizinhança é a que leva à “rainha da floresta”, como a árvore samaúma é chamada por Nilson Mendes,



guia experiente e sábio conhecedor dos segredos da selva. Meia hora depois de iniciadas as andanças, vislumbra-se a tal “rainha”: a literalmente grandiosa samaúma, maior e mais exuberante árvore amazônica, que exige a presença de 25 homens para ser abraçada.

Nessa mata quase impenetrável, é fácil avistar tucanos, araras e cigarras voando. Os mamíferos também aparecem, mas só para os mais

sortudos. Além de um guia *expert* nessa busca, é preciso uma boa dose de paciência. Se não for o caso, entregue-se a esse universo verde, que vai além do que os olhos veem. Escutar o canto das aves e sentir o cheiro da mata úmida são experiências únicas e bastante sensoriais.

Tão incrível e marcante quanto isso é o contato com as pessoas e a cultura local. Tomar um café recém-coado na casa de um nativo e con-



As expedições no parque da Serra do Divisor levam a alguns dos recantos mais selvagens do País; abaixo, crianças se banham num rio da região



versar com a gente humilde dali rendem lições valiosas e tocantes, como a do seringueiro que, em toda a sua simplicidade, entende – e vivencia – que não se pode destruir a natureza porque é dela, em toda e qualquer instância, que depende o presente e o futuro dos homens.

PARA AVENTUREIROS DE VERDADE

Ainda que todos esses passeios promovam uma verdadeira comunhão dos visitantes com o meio ambiente, a experiência, até agora,

pode ser considerada café com leite diante das colossais surpresas que este território ainda reserva aos aventureiros com A maiúsculo. Para estes, a dica é se embrenhar numa expedição pela selva, rumo ao Parque Nacional da Serra do Divisor.

A reserva é um dos lugares mais intactos e selvagens do País e, por isso mesmo, é uma viagem que cobra seu preço, bem salgado, aliás (veja no *Programa Sua Viagem*, na pág. 126). A Maanaim Turismo e a EME Amazônia oferecem pacotes com duração de três a cinco dias pelo parque, cuidando do transporte, da complicada logística e das autorizações necessárias para ingressar na unidade de conservação.

Por estar fora do circuito turístico convencional, os acessos são difíceis e, para chegar lá, é preciso enfrentar uma verdadeira jornada. Primeiro, pega-se um voo de Rio Branco a Cruzeiro do Sul, cidade na porção oeste do Acre. dali, segue-se até a vizinha Mâncio Lima e, então, a aventura começa.

É preciso deixar bem claro que

uma empreitada dessas não é tarefa para quem acorda com espírito de Indiana Jones e, sem mais nem menos, resolve se lançar na voluntariosa mata amazônica. Rio acima, o turista tem de estar preparado para aguentar horas a fio a bordo de uma barulhenta voadeira (tipo de embarcação), à mercê das intempéries da natureza, até chegar a uma rústica pousada familiar, no meio do mais absoluto nada.


Na época das cheias, o percurso dura cinco horas, com lanchas rápidas, mas quando o Rio Mõa está baixo o único acesso é em canoas de alumínio equipadas com motores conhecidos como rabeta. Nesse caso, a viagem pode levar mais de dez horas. E tantos perrengues valem a pena? Ô, se valem. O parque guarda um colorido mosaico natural, com espécies de animais e plantas endêmicos e cachoeiras estonteantes, numa das fronteiras mais inexploradas do Brasil.

O nome dado à reserva remete ao fato de ela englobar uma área montanhosa que divide duas gran-

des bacias hidrográficas. Uma é a do Rio Ucayalli, que corre para o Peru, e a outra, a do Rio Juruá, que deságua no Purus, encorpando o maior volume de água doce do mundo: o Rio Amazonas.

Por ser uma região de serras no meio da floresta, a área abriga um grande número de cachoeiras, entre elas a do Ar-Condicionado, de fácil acesso, e a mais bela de todas, a Formosa. Para conhecê-la, é preciso encarar uma jornada de oito horas caminhando pela mata, sob a umi-

dade e o calor típicos da floresta.

Não são poucas as dificuldades, mas as belezas naturais superam as melhores expectativas. Além da magnitude do cenário, a sensação de exclusividade é outro atributo do roteiro pela Serra do Divisor. Tão poucos forasteiros ali pisaram que não seria surpresa se pesquisadores ou arqueólogos descobrissem que, também nessa região, existem geoglifos tal qual os inexplicavelmente deixados por povos ancestrais na vizinhança de Rio Branco. 



Caminhar na exuberante floresta permite ver bichos, como os macacos, em seu hábitat

PROGRAME SUA Viagem

QUANDO IR

Pode-se dizer que o Acre tem duas estações: a seca, de abril a setembro; e a chuvosa, no restante do ano. Em um Estado onde os rios fazem as vezes de estradas, o aguaceiro mantém os passeios de barco funcionando, sem falar que a estação molhada é também a mais ensolarada do ano.

COMO CHEGAR

TAM (www.tam.com.br) e Gol (www.voegol.com.br) voam para a capital do Acre, Rio Branco, via Brasília, a partir de R\$ 1.152 e R\$ 1.045, respectivamente. Da capital até Xapuri, são 176 km. A rodovia AC-40 guia os primeiros 20 km de viagem. Na altura de Senador Guiomard, é preciso desviar para a BR-317 e, a apenas 12 km de Xapuri, seguir para a AC-403. A distância até Cruzeiro do Sul, cidade que

dá acesso à aventura pela Serra do Divisor, é bem maior: 631 km de Rio Branco, traduzidos em 1h30 de avião. A Gol faz o trajeto a partir de R\$ 356.

ONDE FICAR*

Rio Branco
Hotel Imperador Galvez – Distantemente 1 km do centro, tem decoração rústica, piscina e quartos espaçosos, mas que clamam por uma reforma. Diárias a R\$ 243. www.hotelimperador.com.br
Inacio Palace Hotel – Localizado no centro da cidade, tem 54 apartamentos sem decoração, mas limpos e espaçosos. Diárias desde R\$ 180. www.irmaospinheiro.com.br

ARREDORES DE XAPURI

Pousada Ecológica Seringal Cachoeira – Toda de madeira, foi construída à semelhança das casas dos seringueiros e fica no Seringal Cachoeira, onde Chico Mendes despontou como ambientalista. Diárias desde R\$ 60 (quarto compartilhado) e R\$ 130 (chales). ☎ (68) 9947-8399.

CRUZEIRO DO SUL

Swamy Hotel – A fachada vermelha é de gosto duvidoso, mas o hotel tem quartos bem decorados. Diárias desde R\$ 180. www.swamyhotel.com.br



PASSEIOS

Balonismo sobre geoglifos – Além de ter a Amazônia como pano de fundo, o voo de balão nos arredores de Rio Branco é a única maneira de visualizar os geoglifos, sulcos no solo deixados por povos ancestrais. O voo dura até uma hora, custa desde R\$ 490 por pessoa (que ganha o DVD da aventura) e é feito pela **Eme Amazônia**, única empresa da região credenciada para fazer o tour. www.emeamazonia.com.br

Xapuri – A estada em Xapuri é conjugada com um pemeite no Seringal Cachoeira, onde viveu Chico Mendes. Há pacotes de duas e três noites, uma delas na Pousada Ecológica Seringal Cachoeira. Preço a partir de R\$ 560

por pessoa, com a **Eme Amazônia**.

Parque Nacional da Serra do Divisor – São quatro noites de expedição, uma em Cruzeiro do Sul e três no inexplorado parque, e a estada é baseada em esgotamento físico e compensação: as caminhadas são extenuantes, e o conforto, espartano, mas a paisagem intocada faz valer o esforço. As agências que operam o roteiro precisam obter autorizações do ICMBio, procurar hospedagem e adaptar o transporte ao clima. Tantas variáveis fazem o preço oscilar bastante: duas pessoas viajando juntas gastam de R\$ 2.700 a R\$ 4 mil num pacote terrestre completo, operado pela **Maanaim Turismo** (www.maainaiturismo.com).

